



CATÓLICA
ESCOLA DAS ARTES

PORTO

INVENTARIAÇÃO, MANUTENÇÃO E
ACONDICIONAMENTO DE COLEÇÕES DO
NÚCLEO MUSEOLÓGICO DA ESCOLA SUPERIOR
DE ENFERMAGEM DO PORTO

Relatório de Estágio apresentado à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de Mestre em Conservação e Restauro de Bens Culturais

Stéfanie Soares Caetano

Porto, junho 2025



CATÓLICA
ESCOLA DAS ARTES

PORTO

INVENTARIAÇÃO, MANUTENÇÃO E
ACONDICIONAMENTO DE COLEÇÕES DO
NÚCLEO MUSEOLÓGICO DA ESCOLA SUPERIOR
DE ENFERMAGEM DO PORTO

Relatório de Estágio apresentado à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de Mestre em Conservação e Restauro em Bens Culturais

Stéfanie Soares Caetano

Trabalho efetuado sob a orientação de

Professora Doutora Laura Castro

Porto, junho 2025

Agradecimentos

O presente trabalho representa o culminar de vários anos de investimento na minha formação académica e pessoal. Assim, várias são as pessoas a quem gostaria de manifestar a minha gratidão:

Aos meus pais, pelo seu incansável apoio e dedicação, e por me cultivarem a curiosidade e o amor pelas artes e pela história.

A todos os professores que me guiaram ao longo do meu percurso académico, inspirando a importância do pensamento crítico e da procura pelo saber. Um agradecimento especial à minha orientadora, a Professora Doutora Laura Castro, pela sua imensurável assistência e conselho, e à Doutora Francisca Antunes Guimarães e à Escola Superior de Enfermagem do Porto por me receberem no Núcleo Museológico da ESEP e pela sua disponibilidade.

Resumo

O presente trabalho expõe as atividades desenvolvidas no âmbito da coleção do Núcleo Museológico da Escola Superior de Enfermagem do Porto, no âmbito de estágio curricular do Mestrado em Conservação e Restauro de Bens Culturais, da Escola das Artes, Universidade Católica Portuguesa. As principais áreas de trabalho foram a revisão da inventariação e a sua informatização, bem como a identificação do estado de conservação e manutenção de peças da coleção em exposição permanente. Foram também considerados aspetos de acondicionamento adequado segundo parâmetros de conservação e restauro de coleções de ciência e técnica, como é o caso da coleção institucional abordada.

A metodologia aplicada para a elaboração deste trabalho partiu de uma pesquisa bibliográfica sobre o tema das coleções em museus de ciência e tecnologia, de modo a compreender melhor as tipologias e as características dos objetos deste tipo de coleções. A pesquisa também abordou questões de conservação e restauro, manutenção e de limpeza mecânica das peças da coleção. Relativamente aos procedimentos de manutenção e acondicionamento, foram aplicados os conhecimentos adquiridos ao longo da parte curricular do mestrado e seguidas as boas práticas da conservação e restauro, bem como o referencial teórico existente.

Palavras-Chave: Escola Superior de Enfermagem do Porto; Núcleo Museológico; Coleções de Ciência; Inventário; Acondicionamento de coleções.

Abstract

This work exposes the activities developed within the scope of the collection of the Museological Center of the Nursing School of Porto, within the scope of the curricular internship of the Master's Degree in Conservation and Restoration of Cultural Heritage, of the School of Arts, Universidade Católica Portuguesa. The main areas of work were the review of the inventory and its computerization, as well as the identification of the state of conservation and maintenance of pieces of the collection on permanent display. Aspects of adequate packaging were also considered according to conservation and restoration parameters of science and technical collections, as is the case of the institutional collection addressed.

The methodology applied for the elaboration of this work was based on a bibliographic research on the theme of collections in science and technology museums, in order to better understand the typologies and characteristics of the objects of this type of collections. The research also addressed issues of conservation and restoration, maintenance and mechanical cleaning of the pieces in the collection. Regarding the maintenance and packaging procedures, the knowledge acquired throughout the curricular part of the master's degree was applied and the good practices of conservation and restoration were followed, as well as the existing theoretical framework.

Key words: Nursing School of Porto; Museum Nucleus; Science Collections; Inventory; Collection packaging.

Lista de Figuras

Figura 1 - Núcleo Museológico da ESEP (Fonte: https://museu.esenf.pt/index.php/microsite-museu/)	11
Figura 2 - Rua Álvares Cabral dividida em lotes, com a localização na planta do lote do Núcleo Museológico da ESEP. Fonte: (Pires, 2004)	12
Figura 3 - Parte da Sala Enfermeira Lurdes Santos, aspeto parcial (Fonte: Foto da autora)....	14
Figura 4 - Sala de Apoio ao Ensino (Fonte: Foto da autora).....	15
Figura 5 - Sala de Saúde Materna e Obstetrícia (Fonte: Foto da autora)	15
Figura 6 - Sala de Material Cirúrgico e de Esterilização, aspeto parcial (Fonte: Foto da autora)	16
Figura 7 - Sala de Saúde Pública e Saúde Psiquiátrica (Fonte: Foto da autora).....	16
Figura 8 - Sala Florence Nightingale (Fonte: Foto da autora).....	17
Figura 9 - Sala de Enfermaria (Fonte: Foto da autora).....	17
Figura 10 - Exemplo de ficha do antigo sistema de inventário do núcleo museológico. Fonte: (Captura de ecrã da autora).....	31
Figura 11 - Exemplo de ficha do atual sistema de inventário do núcleo museológico. Fonte: (Captura de ecrã da autora).....	31
Figura 12 – Outro aspeto da ficha do atual sistema de inventário do núcleo museológico. Fonte: Captura de ecrã da autora)	32

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Cronograma de atividades do estágio.....	23
Tabela 2 - Diferentes sistemas de classificação dos domínios científicos. (Fonte: Delicado, 2005).....	25
Tabela 3 - Diferentes subdivisões da classificação dos domínios científicos. (Fonte: Delicado, 2005).....	26
Tabela 4 - Diferentes sistemas de classificação dos museus. (Fonte: Delicado, 2005).....	27

Abreviaturas

Fig. – figura / Figs. – figuras

In – Em (incluído na publicação citada)

Nº - número

P. – página

Pp. – páginas

n.d. – sem data

Acrónimos

ICOM – Internacional Council of Museums

ESEP – Escola Superior de Enfermagem do Porto

Índice

Resumo	ii
Abstract.....	iii
Lista de Figuras	iv
Lista de Tabelas.....	v
Abreviaturas	vi
Acrónimos.....	vi
Introdução.....	9
1. O Núcleo Museológico da Escola Superior de Enfermagem do Porto.....	11
1.1. O Palacete Eduardo Glama, sede do Núcleo Museológico	11
1.2. Missão institucional do Núcleo Museológico.....	13
1.3. Descrição do Núcleo Museológico.....	14
1.4. Museu vs Casa-museu vs Núcleo museológico.....	18
2. Plano de estágio, cronograma de atividades e metodologia	22
2.1. Plano de estágio e cronograma de atividades e metodologia	22
3. Inventariação de coleções técnicas e científicas.....	24
3.1. A formação das coleções de ciência e técnica	24
3.2. Normas de inventário para coleções técnicas e científicas.....	27
3.3. Revisão do sistema de inventário do Núcleo Museológico da ESEP...	30
3.4. Levantamento do estado de conservação.....	33
4. Acondicionamento e Manuseamento de coleções	34
4.1. Aspetos Gerais sobre Acondicionamento.....	34
4.2. Normas e procedimentos de manuseamento.....	36
4.3. Aspetos relativos às Coleções do Núcleo Museológico da Escola Superior de Enfermagem do Porto	37

Considerações finais e perspetivas de trabalho futuro.....	39
Referências e Bibliografia.....	40
Apêndice A - Registo Fotográfico das Salas do Núcleo Museológico da ESEP	43
Anexo A - Acordo de estágio.....	59

Introdução

O presente trabalho expõe as atividades desenvolvidas no Núcleo Museológico da Escola Superior de Enfermagem do Porto, relacionadas com as suas coleções, no âmbito de estágio curricular desenvolvido no segundo ano do Mestrado em Conservação e Restauro de Bens Culturais, da Escola das Artes, Universidade Católica Portuguesa. A realização deste estágio teve como finalidade conhecer tanto o meio profissional como o institucional em que os conservadores trabalham, bem como compreender a importância e de que modo se pode aplicar a teoria à prática. A escolha de uma entidade museológica para a realização deste estágio foi ao encontro do tema proposto neste trabalho – inventariação, manutenção e acondicionamento – como também pelo interesse que considero ter no trabalho desenvolvido nestas instituições culturais.

O estágio visou o desenvolvimento dos conhecimentos adquiridos ao nível da conservação e restauro, como também aprofundar a capacidade de investigação aplicada de forma integrada e pluridisciplinar, com vista ao estudo, interpretação e salvaguarda de bens culturais. Pretendeu desenvolver autonomia e fomentar o respeito pelos princípios éticos e deontológicos que regem a conservação e restauro.

O estágio teve a duração de seis meses, e decorreu entre novembro de 2024 e abril de 2025.

As atividades desenvolvidas direcionaram-se para o inventário e levantamento do estado de conservação da coleção, bem como para a sua manutenção e acondicionamento. Os objetivos genéricos previamente estabelecidos foram:

- A inventariação e a atualização do inventário existente;
- A manutenção das peças que se encontram em exposição permanente;
- Sistematizar orientações para o acondicionamento da referida coleção;

A coleção do Núcleo Museológico da Escola Superior de Enfermagem do Porto é constituída por um conjunto diversificado de objetos relacionados com a prática de enfermagem, produzidos em diferentes materiais. Trata-se de uma coleção com grande valor cultural e para o entendimento da profissão da enfermagem.

Este relatório está organizado em quatro capítulos: o primeiro descreve a história e a missão institucional do Núcleo Museológico, a descrição dos espaços que constituem o mesmo e reflete ainda sobre a diferenciação entre museu, casa-museu e núcleo museológico; o segundo faz referência ao plano de estágio, cronograma de atividades e metodologia; o terceiro desenvolve

questões de inventariação de coleções técnicas e científicas, como normas de inventário, o sistema de inventário da instituição e levantamento do estado de conservação; por fim, o quarto capítulo aborda de um modo geral a manutenção e acondicionamento da coleção caracterizada pela variedade de matérias que se encontram neste núcleo museológico.

1. O Núcleo Museológico da Escola Superior de Enfermagem do Porto

1.1. O Palacete Eduardo Glama, sede do Núcleo Museológico

O edifício onde se encontra o Núcleo Museológico (Fig. 1), classificado como de interesse público, é o antigo Palacete Eduardo Glama situado na Rua Álvares Cabral, nº384, onde se apresentam peças fundamentais tanto do ensino como da prática da enfermagem desde o final do século XIX até à atualidade (Abronhosa et al., 2005).



Figura 1 - Núcleo Museológico da ESEP (Fonte: <https://museu.esenf.pt/index.php/microsite-museu/>)

O espaço em que se encontra a atual rua Álvares Cabral

“era um território rural dos arredores da cidade de Seiscentos, uma vasta propriedade rústica foreira ao Priorado de Cedofeita, situava-se extramuros, pertencendo, em 1605, a Salvador João, [de Valadares] e a sua m.er Margarida do Carvalhal do casal do Padrão sito na freguesia de S. Martinho de Cedofeita” (Pires, 2004, p. 219).

Ao longo dos anos, o espaço referido anteriormente, foi conhecendo vários proprietários e foi desenvolvido no que viria a ser a Quinta de Santo Ovídio, propriedade dos Condes de Resende (Pires, 2004). Posteriormente, por volta da última década de oitocentos, houve um forte crescimento demográfico, o que originou uma necessidade por espaços habitacionais e espaços de circulação.

No final do século XIX, mais concretamente entre 30 de janeiro de 1892 e 10 de agosto de 1895, os condes de Resende requereram a alienação da quinta, *“oferecendo à Câmara do Porto*

a abertura de uma nova rua que ligaria Cedofeita ao Campo da Regeneração, contencioso que terminaria com a venda da quinta e loteamento para edificações de 6m” (Pires, 2004, p. 225), originando a abertura da rua nova ou dos Pamplonas, em 1898. Mais tarde, a 30 de junho de 1898, a rua viria a ser nomeada de Álvares Cabral, a pedido da Junta de Paróquia de Cedofeita (Pires, 2004).

Em 1898, António Eduardo Glama, negociador e armador de navios, adquiriu 2 lotes (Figura 2) da Quinta dos Condes de Resende. O projeto criado para este espaço foi um palacete, da autoria de João de Mattos e da responsabilidade do mestre-de-obras José Joaquim Mendes (Pires, 2004). O edifício que se encontra alinhado pela rua, ocupa a frente do lote e está centrado proporcionando duas entradas laterais para um amplo logradouro.



Figura 2 - Rua Álvares Cabral dividida em lotes, com a localização na planta do lote do Núcleo Museológico da ESEP. Fonte: (Pires, 2004)

O edifício é constituído exteriormente, por:

“telhado de quatro águas, com trapeiras ou águas-furtadas para iluminação a nascente, e torre como elemento de valorização formal. Integra um envasamento com subsolo e dois andares, sendo o último tratado em ático. Na fachada principal há uma nítida preocupação de ornamentação que é sóbria, requintada e eclética nos vãos da frente de rua que correspondem no interior a espaços privilegiados de receção.”(Pires, 2004, p. 232)

No interior do palacete encontramos um corredor axial que une a fachada principal à posterior. As portas, os corredores e as escadas *“são ordenadores de espaços e possibilitam a passagem que aproxima ou afasta os espaços privados, dos pisos superiores, dos de receção do r/ch. A escada principal, iluminada por vitral policromo”* (Pires, 2004, p. 233).

Os espaços destinados à receção, encontravam-se no 1º piso voltados para a fachada principal, incluíam sala de visitas, sala de espera, escritório, gabinete e sala de bilhar (Pires, 2004). A sala

de jantar e a biblioteca encontravam-se na parte posterior do edifício com vista para o logradouro (Pires, 2004). No 2º piso, voltado para a fachada principal, encontrava-se o salão de festas, os quartos ficavam no outro extremo da casa com vista para o jardim (Pires, 2004). As águas-furtadas destinavam-se aos quartos dos empregados e a cave continha a garrafeira, lojas e arrecadações. A fachada posterior que se encontra voltada para o jardim é menos aparatosa (Pires, 2004).

Posteriormente o edifício acabou por ser denominado como “Palacete Eduardo Glama” (Escola Superior de Enfermagem do Porto, n.d.-b).

1.2. Missão institucional do Núcleo Museológico

O Núcleo Museológico da Escola Superior de Enfermagem do Porto, antiga Escola Superior de Enfermagem de São João, foi criado nos anos 90, devido à vontade de antigos professores enfermeiros da Escola de Enfermagem do Hospital de São João, com o objetivo de preservar e transmitir a história da Instituição às novas gerações e comunidade (Escola Superior de Enfermagem do Porto, n.d.-a).

Em 1993 a concretização de um espaço para expor a história da Instituição foi solicitada, por parte da direção da Escola, à Professora Lourdes Santos. Desse modo, foi criado um espaço onde se reuniram “*a história documental da Instituição, os materiais utilizados no desenvolvimento pedagógico do ensino teórico e prático da enfermagem e algumas peças decorativas da Escola e do Lar*” (Escola Superior de Enfermagem do Porto, n.d.-a).

Devido à fusão das Escolas ¹ (2007) os órgãos de gestão determinaram a transferência do espaço para o Palacete Eduardo Glama, surgindo o atual Núcleo Museológico da ESEP, no dia 15 de junho de 2009 (Escola Superior de Enfermagem do Porto, n.d.-a).

Este núcleo museológico pertencente à Escola Superior de Enfermagem do Porto, sendo dirigido por esta mesma instituição, é uma parte integrante do Gabinete de História e Memórias criado em 2012. O Gabinete tem como membros, a Coordenadora Maria José Peixoto, o Coordenador Técnico Luís Alexandre Oliveira, a Coordenadora Técnica Orísia Pereira, a Professora Ana Paula Cantante e a Museóloga Dr.^a Francisca Antunes Guimarães.

¹ A Escola Superior de Enfermagem do Porto teve origem na fusão das Escolas Superiores de Enfermagem Públicas, do Porto, nomeadamente: a Escola Superior de Enfermagem D. Ana Guedes, a Escola Superior de Enfermagem de São João e a Escola Superior de Enfermagem da Cidade do Porto (Escola Superior de Enfermagem do Porto, n.d.-a).

Este gabinete tem:

“como missão promover e disseminar a história da profissão e da Enfermagem, do seu património científico, tornando-se um espaço de aprendizagem e mobilização de saberes e competências, através da promoção da investigação histórica da profissão. Pretende ainda contribuir para o enriquecimento cultural e científico da cidade.” (Escola Superior de Enfermagem do Porto, n.d.-b)

1.3. Descrição do Núcleo Museológico

O núcleo museológico dispõe de cinco pisos, contudo apenas o piso 0 e o piso 1 são utilizados enquanto espaço museológico visitável. No piso -1 pode-se encontrar o acervo; no piso 0 encontram-se seis salas; o piso 1 dispõe de quatro salas e do Gabinete de História e Memória; os pisos 2 e 3 constituem o acervo documental do núcleo.

As salas ao longo dos dois pisos visitáveis, foram distribuídas tematicamente tendo em conta os objetos que se pretendiam expor. No piso 0 encontramos: a Sala Enfermeira Lurdes Santos² (Fig. 3), que consiste numa representação da antiga Escola Superior de Enfermagem do Porto enquanto lar das alunas.



Figura 3 - Parte da Sala Enfermeira Lurdes Santos, aspeto parcial (Fonte: Foto da autora)

² A professora Lourdes dos Santos foi uma aluna na Escola de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca, em Coimbra e, posteriormente, para dar início à carreira de docente foi convidada a dar aulas na Escola de Enfermagem do Hospital de São João, situada na Rua Álvares Cabral, em 1959 (Núcleo Museológico da ESEP, n.d., Painel Informativo).

Neste piso de entrada encontra-se também a Sala de Apoio ao Ensino (Fig. 4), constituída por objetos e instrumentos destinados ao ensino de diversas áreas, como anatomia, bioquímica, nutrição e enfermagem;



Figura 4 - Sala de Apoio ao Ensino (Fonte: Foto da autora)

Contígua a esta, situa-se a Sala de Saúde Materna e Obstetrícia (Fig. 5), onde se expõem objetos e instrumentos cirúrgicos utilizados na componente pedagógica e prática da saúde materna e infantil, como reprodução de sala de partos e reprodução de uma unidade de internamento de pediatria;



Figura 5 - Sala de Saúde Materna e Obstetrícia (Fonte: Foto da autora)

A Sala de Material Cirúrgico e de Esterilização (Fig. 6), é outro dos espaços visitáveis, onde se apresentam diversos instrumentos e objetos utilizados em cirurgias, em questões pré-operatórias e em exames e análises;



Figura 6 - Sala de Material Cirúrgico e de Esterilização, aspeto parcial (Fonte: Foto da autora)

A última sala temática do piso 0 é a Sala de Saúde Pública e Saúde Psiquiátrica (Fig. 7), que incorpora alguns objetos e instrumentos relacionados com a saúde pública e a saúde psiquiátrica;



Figura 7 - Sala de Saúde Pública e Saúde Psiquiátrica (Fonte: Foto da autora)

Finalmente, o Salão Nobre, apresenta características diferentes das anteriores salas. Aqui expõem-se representações de todos os edifícios onde funcionaram as escolas que deram origem à Escola Superior de Enfermagem do Porto, fotografias de diretores das mesmas escolas e manequins com uniformes de enfermeira utilizados ao longo dos anos. Trata-se, portanto, de um espaço de representação institucional.

No corredor deste piso também podem ser encontrados alguns objetos expostos.

No piso 1 situa-se: a Sala de Conferências, utilizada para conferências e, antigamente, para apresentação de teses dos alunos da Escola Superior de Enfermagem do Porto. Neste mesmo

piso, encontra-se a Sala Florence Nightingale (Fig. 8), que apresenta objetos, instrumentos e manequins com réplicas de uniformes relacionados com Florence Nightingale³.



Figura 8 - Sala Florence Nightingale (Fonte: Foto da autora)

A este espaço seguem-se as duas Salas de Enfermaria (Fig. 9), que tentam recriar uma enfermaria hospitalar com materiais do século passado.



Figura 9 - Sala de Enfermaria (Fonte: Foto da autora)

³ Florence Nightingale nasceu a 12 de maio de 1820, em Florença, Itália. Também conhecida como “a Dama da Lâmpada”, devido à sua participação na Guerra da Crimeia, Florence Nightingale foi uma enfermeira atenciosa e uma líder. Escreveu mais de 150 livros, panfletos e relatórios sobre questões relacionadas à saúde, contudo, é mais reconhecida por tornar os hospitais um lugar mais limpo e seguro para se estar. Fonte: [Florence Nightingale | Museu Nacional de História da Mulher](#)

No corredor encontra-se exposto um uniforme da enfermeira paraquedista, diplomas, emblemas, lamparinas e outros objetos e elementos de simbologia referente à profissão.

O Núcleo Museológico da ESEP integra o Grupo de Museus Monumentos e Bibliotecas da cidade do Porto, participando do Dia Internacional dos Museus. Este espaço museológico encontra-se aberto de segunda-feira a sexta-feira, das 14h às 18h, no entanto só é possível visitar mediante marcação prévia e as visitas são realizadas com guia.

As coleções que se encontram neste núcleo, procuram aproximar-se de uma apresentação museográfica, com os objetos em vitrines e armários, com tentativas de reconstituição de espaços alusivos à escola de enfermagem, desse modo tornando a compreensão do espaço, por parte dos visitantes, mais viável.

Apesar de a museografia constituinte neste espaço ser muito básica, facilita a reconstituição de espaços como enfermarias. Em cada espaço deste núcleo encontram-se painéis informativos, alguns com texto em português e outros com texto em português e inglês, relativos tanto à história, como ao que se encontra exposto. Ao longo das várias salas verifica-se a existência de dispositivos de expor, alguns pertencentes à casa antiga e à Escola e adaptados à sua nova função, como os armários com portas de vidro, outros adquiridos pelo museu, como as vitrines e expositores de vidro. Apesar de o núcleo ser um espaço que expõe objetos museológicos, não há iluminação específica de museu, recorrendo à iluminação pré-existente no edifício nas diversas salas.

No que diz respeito à identificação e legendagem das peças, a maior parte encontra-se sem identificação e sem legenda, contudo há algumas informações dispostas pelas salas que auxiliam a compreensão do espaço e dos objetos que lá se encontram.

Em algumas das salas existem fotografias de época que documentam a vivência da enfermagem e da Escola de enfermagem.

1.4. Museu vs Casa-museu vs Núcleo museológico

Etimologicamente, “museu” tem origem do grego *mouseion*, latinizado como *museum* durante o período romano. Segundo Adelaide da Costa Duarte (2007), o impulso museológico é intrínseco à humanidade, uma vez que os indivíduos sempre colecionaram e conservaram objetos.

O conceito de museu passou por várias modificações ao longo dos anos, principalmente a partir da segunda metade do século XX devido à afirmação da museologia enquanto disciplina e pelo rigor imposto pelo ICOM que, a partir de 1963, dividiu as categorias museológicas em cinco parcelas: história; arte; etnologia; história natural; e ciência e técnica (Ferreira, 2019).

Atualmente, o ICOM reconhece oito categorias museológicas: arte; história natural; etnografia e folclore; história; ciências e técnicas; ciências sociais e serviços sociais; comércio e comunicações; agricultura e produtos do solo (Ferreira, 2019).

O ICOM, instituição de referência na área da museologia, descreve um museu como

“uma instituição permanente, sem fins lucrativos e ao serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o património material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Com a participação das comunidades, os museus funcionam e comunicam de forma ética e profissional, proporcionando experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento.” (ICOM Portugal, 2022)

Os museus das ciências e da técnica, uma das tipologias museológicas do ICOM, são instituições que albergam espólio científico e técnico, tendo como subcategorias: as ciências e técnicas em geral; a física; a oceanografia; a medicina e cirurgia, onde está inserido o núcleo museológico da ESEP; as técnicas industriais e a indústria do automóvel; e as manufaturas e produtos manufaturados (Ferreira, 2019).

Ana Delicado (2004) refere que “em quase dois séculos de existência, os museus científicos sofreram acentuadas transformações e viram muitas das funções e objetivos que presidiram à sua criação modificarem-se, desaparecerem ou renovarem-se” (p.2), todavia este tipo de museu “tem vindo nos últimos anos a demonstrar um acentuado crescimento e dinamismo.” (p.2).

Segundo o Instituto Nacional de Estatística (2024), em Portugal, existem 426 museus dos quais 26 são museus de ciências e técnica.

De acordo com o 3º artigo da Lei nº 47/2004 da Lei-Quadro dos Museus Portugueses, um museu pode ser definido como:

“1 — Museu é uma instituição de carácter permanente, com ou sem personalidade jurídica, sem fins lucrativos, dotada de uma estrutura organizacional que lhe permite:

a) *Garantir um destino unitário a um conjunto de bens culturais e valorizá-los através da investigação, incorporação, inventário, documentação, conservação, interpretação, exposição e divulgação, com objetivos científicos, educativos e lúdicos;*

b) *Facultar acesso regular ao público e fomentar a democratização da cultura, a promoção da pessoa e o desenvolvimento da sociedade.*

2 — *Consideram-se museus as instituições, com diferentes designações, que apresentem as características e cumpram as funções museológicas previstas na presente lei para o museu, ainda que o respetivo acervo integre espécies vivas, tanto botânicas como zoológicas, testemunhos resultantes da materialização de ideias, representações de realidades existentes ou virtuais, assim como bens de património cultural imóvel, ambiental e paisagístico.”*

A instituição casa-museu não diverge na sua essência da instituição museu. De acordo com Ana Margarida Martins (citada em Mayer, 2016, p. 59):

“... entendemos a casa-museu, como um museu com alguns aspetos particulares, distintivos e não como uma instituição realmente distinta dos museus em geral, com simples referências analógicas. Neste sentido definir casa-museu seria apresentar mais uma definição de museu (...) a apresentação de uma definição seria redutora da realidade observada, uma vez que esta instituição museológica não apresenta um padrão institucional.”

Enquanto instituições, os museus e as casas-museu expõem pontos diferenciadores, tais como: a origem do propósito da criação, a disposição e elaboração dos acervos, os modelos de organização, as tutelas administrativa e financeira e os condicionalismos de funcionamento (Mayer, 2016).

São muitos os pontos em comum e os pontos diferenciadores que encontramos em ambas as definições, contudo, o Núcleo Museológico da ESEP, não se enquadra necessariamente em uma das definições, mas apropria-se de alguns dos seus pontos fundamentais para a sua gestão e organização.

O conjunto de bens reunidos no Núcleo Museológico da ESEP, não possui o estatuto de museu ou casa-museu, mas sim de coleção visitável, uma vez que não apresenta alguns dos requisitos legais de acordo com a Lei nº 47/2004 da Lei-Quadro dos Museus Portugueses, tais como:

recursos financeiros (nº2, alínea h do artigo 86.º) que refletem diretamente na contratação do pessoal e perfis profissionais correspondentes (nº2, alínea i do artigo 86.º); e simultaneamente, também, na requalificação da estrutura física do imóvel que abriga a coleção (nº 3, do artigo 86.º), sendo a Casa com o número 384, um antigo edifício residencial, parte integrante do conjunto arquitetónico da Rua Álvares Cabral, que se encontra classificado como bem de interesse público, nos termos do disposto no artigo 43.º da Lei nº 107/2001 – Lei de Bases Do Património Cultural, e conforme a Portaria 714/2012 (Publicada no DR, 2ª Série, n.º 237, de 07 de dezembro de 2012).

Deste modo, podemos concluir que as condições em que funciona o Núcleo Museológico não correspondem em absoluto aos critérios para o incluir numa das categorias mencionadas. Essas condições não são próprias de uma casa-museu, a não ser o facto de existirem algumas salas que tentam reconstituir espaços da antiga Escola de Enfermagem que ali funcionava, procurando dar ideia dos seus ambientes específicos. Essas condições também não estão totalmente alinhadas com as dos museus por não partilharem aspetos legais e funcionais que caracterizam um museu. Finalmente, o Núcleo Museológico apresenta elementos próprios de uma coleção visitável.

2. Plano de estágio, cronograma de atividades e metodologia

De modo a gerir as necessidades do Núcleo Museológico e as expectativas para a realização do estágio foi necessária a elaboração de um plano de estágio que conseguisse atender a ambos os propósitos. Assim, reunindo com a museóloga que trabalha para o núcleo museológico, a Dr.^a Francisca Antunes Guimarães, foi possível desenvolver um plano de estágio adequado ambas as partes.

2.1. Plano de estágio e cronograma de atividades e metodologia

Numa primeira fase procurou-se conhecer a coleção, de modo a completar a identificação dos seus bens e a contextualizá-los. Foi feita uma pesquisa bibliográfica, de forma a enquadrar a coleção, as suas origens, a sua situação institucional. Estes aspetos foram abordados no capítulo anterior. A pesquisa bibliográfica sobre o tema das coleções em museus de ciências físicas e tecnológicas, de modo a compreender melhor as tipologias encontradas neste tipo de coleções, foi também realizada. Finalmente, abordaram-se questões de conservação e restauro, manutenção e de acondicionamento de coleções. Estes aspetos serão referidos nos capítulos seguintes.

Paralelamente a esta tarefa, realizou-se, sempre que necessário, um registo fotográfico das peças e avaliou-se o seu estado de conservação. Estas foram tarefas preparatórias para a atualização do inventário.

A segunda fase teve como finalidade proceder à revisão do inventário, tendo em consideração as especificações da coleção e a atualização do inventário existente. Foi igualmente feita a transferência das fichas existentes para um novo *software* de inventário que a instituição adotou e que será referido mais adiante. Para tal, foi fundamental a consulta das normas de inventário utilizadas no meio museológico.

Para além dos pontos acima mencionados, ainda foi realizada a manutenção das peças que se encontram em exposição e redigida uma proposta de acondicionamento dos bens da coleção, de acordo com os procedimentos recomendados. Não apenas se aplicaram os conhecimentos adquiridos ao longo da parte curricular do mestrado, como se aprofundou o conhecimento das boas práticas de conservação e restauro e do referencial teórico existente.

	Out.	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.
Leitura e pesquisa bibliográfica									
Realização do estágio									
Preparação e envio da proposta									
Revisão da bibliografia									
Estruturação em capítulos									
Redação do relatório									
Revisão e formatação do trabalho									
Entrega do Relatório									

Tabela 1 - Cronograma de atividades do estágio

3. Inventariação de coleções técnicas e científicas

3.1. A formação das coleções de ciência e técnica

Foi durante o período conhecido como Renascença que se criaram os antecessores dos museus das ciências e da técnica com os *gabinettos* italianos e os *kunstkammer* germânicos do século XVI, que continham coleções de cariz científico (Duarte, 2007). Os “gabinetes de curiosidades”, com carácter enciclopédico, organizavam-se enquanto espaços com discursos expositivos somente perceptíveis para os seus proprietários e círculo de iniciados. Um exemplo desta tendência foi o *studiolo* fundado por Francisco I de Médici em 1570 no seu palácio em Florença, e criado para seu uso privado. Neste *studiolo*, o grão-duque agrupou o seu espólio em quatro categoriadas, das quais se destacam a *artificialia* (objetos criados ou modificados pelo humano) e a *naturalia* (objetos naturais) (Ferreira, 2019).

Segundo Juliana Ferreira (2019) a profissionalização e institucionalização da cultura científica só ocorreriam durante a época de Oitocentos, quando começou a imposição de uma educação formal aos profissionais da área. Durante este tempo cronológico, fundaram-se universidades, autonomizaram-se disciplinas e proliferaram as atividades de divulgação do saber científico, desde colóquios e exposições universais a publicações periódicas. Nasceram também, os primeiros museus dedicados às ciências e à técnica.

O *Conservatoire des Arts et Métiers*⁴ em Paris foi o primeiro museu público a exhibir um acervo técnico-científico, com o intuito de instruir e aprazer os seus visitantes. No século XIX surgem as exposições universais que, amplificaram a concorrência entre os vários protagonistas da industrialização, como ainda contribuíram para a movimentação internacional do conhecimento científico e tecnológico. Estas exposições universais viriam mais tarde a transformar-se em instituições museológicas, como foi o caso do *South Kensington Museum of Science and Art*, inaugurado em 1857 (Ferreira, 2019).

A tipologia museológica das ciências e da técnica afirmou-se nos Estatutos de 1947 do *Internacional Council of Museums* (ICOM), para contextualizar as instituições que albergavam espólio científico e técnico (Ferreira, 2019).

É neste enquadramento que acabarão por surgir museus e núcleos museológicos como o que está em análise neste relatório.

⁴ O *Conservatoire*, fundado em 1794 por decreto da Convenção e proposta do abade Henri Grégoire (1750 - 1831), pretendia ostentar os fomentos da indústria francesa. Instalado na abadia de Saint-Martin-des-Champs, abriu ao público em 1802 (Ferreira, 2019).

São vários os sistemas de classificação dos domínios científicos, concebidos e utilizados por diversas organizações responsáveis pela elaboração de estatísticas e estudos sobre ciência e tecnologia (tabela 2) (Delicado, 2005).

Tabela 2 - Diferentes sistemas de classificação dos domínios científicos. (Fonte: Delicado, 2005)

Institute for Scientific Information ¹	Manual de Frascatti, 2001 ²	Thesaurus Ortelius ³	OCES ⁴
<ul style="list-style-type: none"> - Ciência Físicas, Químicas e da Terra - Ciências da Vida - Medicina Clínica - Agricultura, Biologia e Ciências Ambientais - Engenharia, Informática e Tecnologia - Ciências Sociais e do Comportamento - Artes e Humanidades 	<ul style="list-style-type: none"> - Ciências Naturais - Engenharia e Tecnologia - Ciências Médicas - Ciências Agrárias - Ciências Sociais - Humanidades 	<ul style="list-style-type: none"> - Ciências Físicas - Ciências Naturais - Ciências da Saúde - Ciências Tecnológicas - Ciências Sociais - Humanidades 	<ul style="list-style-type: none"> - Ciências Exactas - Ciências Naturais - Engenharias e Tecnologias - Ciências da Saúde - Ciências Agrárias e Veterinárias - Ciências Sociais e Humanas

1 – entidade responsável pelos *Science Citation Index*, *Social Science Citation Index* e *Arts & Humanities Citation Index*; classificação de nível 1 usada no *National Citation Report for Portugal*

2 – classificação usada pela OCDE e Eurostat

3 – classificação adoptada pela União Europeia para o sistema de informação sobre ensino superior, investigação e desenvolvimento

4 – classificação usada pelo Observatório da Ciência e Ensino Superior (anteriormente Observatório das Ciências e Tecnologias) na contagem dos doutoramentos realizados ou reconhecidos por universidades portuguesas e na operação de Inquérito ao Potencial Científico e Tecnológico Nacional 1999

Também ao nível das disciplinas científicas, divididas por grandes áreas, encontramos grande variabilidade. Observe-se, por exemplo, a comparação entre as classificações propostas pelo Manual de Frascatti e pelo Thesaurus Ortelius (tabela 3) (Delicado, 2005).

Tabela 3 - Diferentes subdivisões da classificação dos domínios científicos. (Fonte: Delicado, 2005)

Manual de Frascatti, 2001		Thesaurus Ortelius	
Ciências Naturais	Matemática e Informática Ciências Físicas Ciências Químicas Ciências da Terra e do Ambiente Ciências Biológicas	Ciências Físicas	Matemática Física Química Astronomia Informática
Ciências Agrárias	Agricultura, florestas, pescas	Ciências Naturais	Ciências Agrárias Ciências Biológicas Ciências Ambientais
Ciências Médicas	Medicina básica Medicina clínica Ciências da Saúde	Ciências da Saúde	Ciências Médicas Neurociência Farmacologia
Engenharia e Tecnologia	Engenharia Civil Engenharia Eléctrica e Electrónica Outras Engenharias	Ciências Tecnológicas	Arquitectura Engenharia Tecnologia
Ciências Sociais	Psicologia Economia Ciências da Educação Outras ciências sociais	Ciências Sociais	Antropologia Ciências da Comunicação Criminologia Estudos culturais Demografia Economia Ciências da Educação Geografia Direito Psicologia Sociologia
Humanidades	História Línguas e literatura Outras humanidades	Humanidades	Arte História Ciências da Informação Ciências da linguagem Literatura Filosofia Ciências da Religião

Estas classificações têm a sua transposição para o universo dos museus. Tendo em conta a classificação temática, a mais difundida é certamente a proposta pelo ICOM, contudo há outras classificações possíveis, como a proposta por G.H. Rivière (1989) ou por E.P. Alexander (1979) (Delicado, 2005) apresentadas na tabela 4.

Tabela 4 - Diferentes sistemas de classificação dos museus. (Fonte: Delicado, 2005)

ICOM	G. H. Riviére, 1989	E. P. Alexander 1979
Museus de Arte	Museus de Arte	Museus de Arte
Museus de História e	Museus das Ciências do	Museus de História Natural
Arqueologia	Homem (história e	Museus de Ciência e
Museus de Ciências Naturais e	arqueologia, etnologia e	Tecnologia
História Natural	antropologia, pedagogia,	Museus de História
Museus de Ciências e de	medicina e higiene, lazer)	Jardins Botânicos e
Técnica (inclui museus de	Museus das Ciências da	Zoológicos
ciências exactas, de tecnologia,	Natureza	
planetários e centros de	Museus das Ciências e das	
ciência)	Técnicas	
Museus de Etnografia e		
Antropologia		
Museus Especializados		
Museus Regionais		
Museus Genéricos		
Outros museus		
Monumentos e sítios		
Jardins Botânicos e		
Zoológicos, Aquários e		
Reservas Naturais		

As três propostas contemplam a categoria de ciências e técnicas (embora com pequenas variações), que correspondem à natureza das coleções do Núcleo Museológico da ESEP.

3.2. Normas de inventário para coleções técnicas e científicas

Por norma associa-se a ciência à sabedoria e ao conhecimento, numa tentativa de compreender a razão do mundo externo, através de experiências, cálculos, reflexões, entre outros, de modo a criar leis universais da natureza que estão sujeitas a constante revisão. Por outro lado, a tecnologia compreende-se como o estudo das técnicas e como uma linguagem afeta a uma determinada arte ou ciência, dando mais importância aos objetos e tendo mais em conta a construção dos objetos que operam com um determinado propósito (Loureiro, 2008).

Segundo Ana Delicado,

“os museus de temática científica são fundamentalmente vistos como espaços onde a ciência é mostrada ao público com a finalidade primordial de difundir conhecimento científico e gerar uma atitude positiva face à ciência, mas também espaços de produção e reprodução da própria ciência (...), de criação de conhecimento científico (investigação) e de formação de cientistas (ensino).”
(Delicado, 2008, p. 55)

As coleções são o que define os museus, estando no centro de todas as atividades museológicas, facilitando aos museus alcançar um crescimento de acordo com a qualidade da sua gestão. Ao mesmo tempo também são um recurso imprescindível para os historiadores e outros investigadores. Nos museus de ciências e técnicas, apenas uma pequena percentagem dos instrumentos foi convenientemente investigada, tendo a maior parte servido como instrumentos pedagógicos, de manufatura, ensino laboratorial ou prática profissional e industrial (Loureiro, 2008).

O sistema de documentação e as informações nele contidas devem seguir normas específicas desenvolvidas por organizações nacionais e internacionais, tendo em conta ainda as necessidades locais. No capítulo que diz respeito à documentação no guia “Como Gerir um Museu: Manual Prático (ICOM, 2004)”, são comparadas diversas normas, incluindo o Modelo de Referência Conceitual (CRM) do CIDOC, as diretrizes do CIDOC, o Manual da AFRICOM e o *SPECTRUM* (Comitê Internacional de Documentação (CIDOC) & Conselho Internacional de Museus (ICOM), 2014).

A gestão de coleções abrange políticas e práticas relacionadas com os objetos museológicos, nomeadamente a definição de princípios de aquisição, alienação, documentação, investigação, reserva, exposição e outros aspetos envolvendo a movimentação dos objetos, nomeadamente para cedências a outras instituições ou para oficinas e laboratórios de restauro. É ainda responsável pela definição de códigos de boas práticas para os profissionais dos museus (Loureiro, 2008).

A documentação é uma atividade essencial, do qual muitas outras dependem, sendo a tarefa difícil, laboriosa e ampla no museu. A sua função é controlar todo o espólio da instituição museológica e as suas movimentações, tanto internas quanto externas, e orientar toda a atividade produzida relativamente ao registo, controlo e segurança das peças (Loureiro, 2008).

O sistema de documentação escolhido pela entidade museológica deve ser flexível, ajustando-se à diversidade e à mudança. Deve ainda ser adaptável às diferentes ambivalências do museu, ajudando a ter noção do que possui, a localizar as suas peças, facilitar a investigação, simplificar a organização de exposições e publicações, delinear planos de conservação preventiva e documentar todas as intervenções sobre as peças (Loureiro, 2008).

Para além do referido anteriormente, a documentação tem ainda a função de proteger a instituição museológica de eventuais ações legais relativas ao título de propriedade das peças, como também providenciar uma descrição dos objetos em caso de perda, roubo ou acidentes,

garantindo assim a transmissão da informação independentemente das mudanças da equipa da instituição (Loureiro, 2008).

De modo a tornar o sistema de documentação eficaz é necessário incluir documentos relativos à incorporação e alienação, ficha de inventário, localização nas reservas, registo de ações de conservação e movimentos (Loureiro, 2008). O sistema deve ainda se concentrar na segurança, manutenção e preservação das informações, ou seja, criar uma cópia de todos os registos efetuados num local diferente do original, armazenando os registos em ambientes à prova de incêndio, armazenamento de arquivos impressos em espaços com controle ambiental e execução de *back-ups*, assim, precavendo ações desastrosas decorrentes de catástrofes naturais, vandalismo ou roubo (CIDOC & ICOM, 2014).

Segundo Carlos Loureiro,

“uma das tarefas mais importantes do processo de documentação é o inventário, que se pode definir como a relação de todos os objetos que constituem o acervo próprio de uma instituição, independentemente do seu modo de incorporação, que estão registados no sistema de documentação do museu.” (Loureiro, 2008, p. 118)

Sendo o principal objetivo do inventário a identificação de qualquer peça da instituição museológica, independentemente do seu significado científico ou artístico, este deve referenciar-se nos princípios básicos da normalização internacionalmente assumidos no âmbito da museologia, tendo em conta as particularidades do acervo e as características distintas que a instituição confere (Loureiro, 2008).

Tendo em conta o que se encontra descrito na Lei-quadro dos Museus Portugueses (Lei n.º 47/2004 de 19 de agosto), deve ser elaborada uma ficha de inventário para cada bem cultural incorporado, independentemente da modalidade de incorporação. A sua atualização deve ser sistemática. Para garantir o preenchimento correto dos campos de informação do sistema de inventário é essencial criar um manual de procedimentos que determine o tipo de informação a ser inserida em cada campo, de modo a facilitar o trabalho dos funcionários responsáveis por tal tarefa, contribuindo para a normalização e continuidade do processo (Loureiro, 2008).

Como referido por Carlos Loureiro,

“a atribuição do número de inventário é uma tarefa imprescindível e obrigatória no processo de inventariação. Este número deve ser único, singular e sequencial, já que atribui ao objeto uma identidade única, ficando permanentemente ligado à

peça, sendo um meio de identificar e correlacionar toda a informação a ela associada” (Loureiro, 2008, p. 118)

O número associado à peça deve ser alfanumérico, com as iniciais do museu e o número sequencial, deve ainda estar sempre agregado à peça através de uma etiqueta segura e de fácil remoção, constituída por materiais que não sejam prejudiciais aos objetos.

O ICOM (2004) recomenda a utilização das variadas facetas da *Internet* nas instituições museológicas, como por exemplo inventários online ou catálogos, informatizando os serviços dessas instituições. Sendo assim possível fornecer serviços a diferentes categorias de usuários, tais como pesquisadores, professores, estudantes e o público em geral. Com os recursos de busca *online* é possível aos funcionários e aos usuários a localização de informações relevantes em relação ao acervo e a cada um dos seus objetos muito facilmente (CIDOC & ICOM, 2014).

As políticas de gestão e os seus procedimentos devem estar abertos à mudança e ajustar-se perante as exigências do mundo globalizante. O nível de cuidado a ter com os objetos deve ser adequado às necessidades que assegurem a sua existência no futuro.

3.3. Revisão do sistema de inventário do Núcleo Museológico da ESEP

O contributo para inventário da coleção do Núcleo Museológico da ESEP foi uma ação prioritária uma vez que é o inventário que dá a conhecer os bens que integram a coleção, permitindo a sua gestão, proteção e valorização como bem cultural.

Apesar de haver um software de inventário no núcleo museológico, este não se mostra adequado tendo em conta o tipo de coleção. O software utilizado é um software de inventário de arquivo, que não é compatível com a coleção técnico científica encontrada neste núcleo museológico. As figuras 10, 11 e 12 apresentam a estrutura das fichas de inventário empregues tanto no software antigo como no atual.

The screenshot shows a web-based interface for an inventory system. At the top, there is a navigation bar with 'Menu » Listar » Objectos » Visualizar Objecto' and a user profile 'Luís Oliveira | GHM | sair'. Below this is a toolbar with icons for 'Inserir', 'Listar', 'Pesquisar', 'Tabelas', 'Imprimir', and 'Gestão'. The main content area is titled 'Informação do Objecto' and contains the following details:

- Número de Inventário: MPL368OBJ
- Instituição proprietária: Escola Superior de Enfermagem do Porto
- Super categoria : Objectos
- Categoria: Indeterminada
- Sub-Categoria:
- Designação Genérica: Pinça de campo de Doyen
- Outro Número de Inventário:

To the right of this information is a small image of the object, a surgical forceps. Below the main information is a section titled 'Detalhes do Objecto' with a sidebar menu on the left containing options like 'Identificação', 'Marcas e Inscrições', 'Informação Técnica', 'Datação', 'Conservação', 'Incorporação', 'Imagem/Som', 'Bibliografia', 'Exposições', 'Intervenções', and 'Observações'. The main area of 'Detalhes do Objecto' contains:

- Denominação Específica: Pinça de campo de Doyen
- Descrição: Pinça de campo de Doyen em liga metálica.
- Finalidade: Pertence ao grupo instrumental de fixação dos campos. É utilizada para "fixar as compressas que se aplicam junto à incisão da pele (...) que se esterilizam em número de 4, 6 ou 8, conforme o comprimento da incisão operatória." (Fonte: ...)
- História do Objecto:
- Localização: Piso 2, sala C

At the bottom of the interface, there is a pagination bar showing '357 / 2621' and two buttons: 'Editar' and 'Voltar'.

Figura 10 - Exemplo de ficha do antigo sistema de inventário do núcleo museológico. Fonte: (Captura de ecrã da autora)

The screenshot shows a more modern web-based interface for the inventory system. The title bar at the top reads 'Pinça de campo de Do...'. The main content area is titled 'Identificação' and contains the following details:

- Identificador: 48647
- Nível de descrição: Peça
- Código de referência: PT/ESEP/MESEP/368OBJ
- Tipo de título: Atribuído
- Título: Pinça de campo de Doyen
- Título paralelo: Pinça
- Dimensão e suporte: Material - Liga metálica | Dimensões: Comprimento: 18.3 cm | Largura: 1.7 cm | Altura: 3 cm

Below the identification section is a 'Contexto' section with the following text:

Funções, ocupações e atividades: Pertence ao grupo instrumental de fixação dos campos. É utilizada para "fixar as compressas que se aplicam junto à incisão da pele (...) que se esterilizam em número de 4, 6 ou 8, conforme o comprimento da incisão operatória." (Fonte: Machado, Bordalo. Instrumental cirúrgico. p. 327)

Two URLs are provided: <http://www.surgicaint.com/detail.php?nod=243> and <http://www.surgicaint.com/detail.php?nod=242>.

At the bottom of the interface, there is a 'Conteúdo e estrutura' section and a search bar with a magnifying glass icon and a search button.

Figura 11 - Exemplo de ficha do atual sistema de inventário do núcleo museológico. Fonte: (Captura de ecrã da autora)

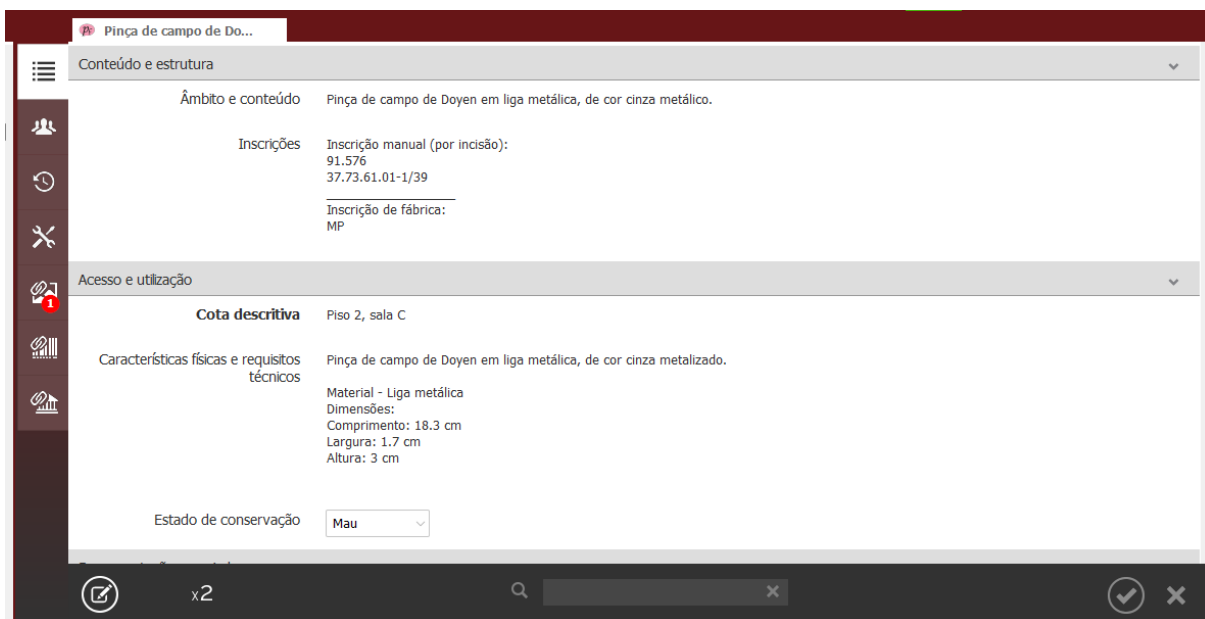


Figura 12 – Outro aspeto da ficha do atual sistema de inventário do núcleo museológico. Fonte: Captura de ecrã da autora)

Devido à ausência de um software de inventário adequado, surgem problemas para quem tenha a necessidade de aceder e preencher o inventário da coleção, tais como: a falta de clareza imediata, ou seja, alguns campos no inventário não vão corresponder ao que deveriam devido à diversidade tipológica das coleções; ausência de um sistema de salvaguarda do inventário para além do software; dificuldade para alguém fora da equipa responsável pelo inventário de compreender o sistema de inventário ou a sua leitura.

A revisão do inventário existente e atualização do mesmo foram questões prioritárias para o núcleo museológico. Como tal, foi realizada uma primeira abordagem do inventário para perceber que tipo de modificações eram exigidas. A sala que foi designada para este estágio foi a Sala de Material Cirúrgico e de Esterilização, que contava com 353 objetos de várias tipologias e matérias. A grande maioria dos objetos continha um número de inventário atribuído. Foi mantida a numeração existente e os novos registos foram atribuídos no seguimento dessa numeração. Depois de verificar as fichas de inventário dos objetos, foi necessária uma grande atualização, uma vez que estas não eram atualizadas há 10 anos, desde as descrições, estado de conservação até novos registos fotográficos. O registo fotográfico dos bens consistiu na captura de várias imagens por objeto, de modo a garantir o visionamento completo de todas as faces. Foram adotados cuidados essenciais para que os registos sejam uteis e permitam a identificação inequívoca do objeto e breve análise. Para tal foi necessário ter em conta o ângulo de captação de imagem, fundo e iluminação.

3.4. Levantamento do estado de conservação

A Sala de Material Cirúrgico e de Esterilização é constituída por diversas tipologias de materiais, sendo os principais: o metal, o vidro e o material polimérico. Tendo em conta estes materiais, o seu estado de conservação também variou. Tanto os metais como os vidros apresentavam um estado de conservação razoável/bom, tendo por vezes pequenas fraturas, fissuras e alguma oxidação. No caso dos materiais poliméricos o seu estado de conservação era muito variável, havia objetos que se encontravam num estado de conservação muito bom, enquanto outros estavam a deteriorar-se.

No sistema de inventário adotado pelo núcleo museológico apenas era possível selecionar entre três opções de estado de conservação: Bom, Razoável e Mau. No entanto, era possível adicionar no final da ficha de inventário observações, espaço onde se inseriam os comentários em relação ao estado de conservação.

4. Acondicionamento e Manuseamento de coleções

4.1. Aspetos Gerais sobre acondicionamento

O armazenamento e acondicionamento de coleções é um dos passos fundamentais de um plano de conservação preventiva, uma vez que diminui a velocidade de degradação dos objetos, reduz a necessidade de intervenções curativas e, por sua vez, previne perdas de bens culturais (Sousa et al., 2007).

Segundo Nathan Stolow (1987), o principal objetivo da utilização de sistemas de armazenamento e acondicionamento é garantir a salvaguarda física dos objetos, tendo em conta que estes devem ser protegidos de choques ou de quaisquer vibrações.

Quando o manuseamento dos objetos é realizado incorretamente constitui uma das causas mais comuns de deterioração de bens culturais, pode sujeitá-los a riscos acrescidos. São esses riscos esses que as ações de conservação preventiva têm como função impedir.

O armazenamento e acondicionamento têm como principais funções a organização das coleções e a proteção dos bens culturais contra variados agentes de deterioração, como por exemplo, o próprio manuseamento e mudanças acentuadas de valores de temperatura e humidade relativa (Kilby, 1995).

No interior de uma instituição museológica, os bens culturais estão protegidos de condições de ambiente adversas, primeiramente, pelo próprio edifício, depois pela sala de reserva ou local onde se encontram armazenadas, e por último pelo sistema de armazenamento e acondicionamento onde estão instalados (Amaral, 2011).

Segundo Sousa et al. (2007), os materiais a utilizar para acondicionamento e armazenamento de coleções devem ser estáveis e compatíveis com os objetos, devendo possuir propriedades que permitam serem classificados como inertes.

Segundo Jean Tétreault (1994), a natureza de um objeto é o primeiro fator a ser considerado quando se fala em sistemas e materiais de armazenamento e acondicionamento. Enquanto conservadores restauradores devemos sempre questionar-nos acerca dos materiais que compõem os bens culturais, se precisam de um suporte especial, se facilmente se riscam, com quais produtos químicos ou gases reagirá, entre outros. Para além de reunir informação sobre os materiais dos bens culturais, devemos, igualmente, nos informar sobre os materiais utilizados nos sistemas de armazenamento e de acondicionamento.

A seleção da forma e dos materiais a serem utilizados nos sistemas de armazenamento devem ter em conta as características e o estado de conservação dos bens culturais. Quando se procede

à seleção dos materiais, deve-se considerar fatores como a rigidez, a durabilidade, a qualidade das zonas de união ou juntas e a facilidade com que podem ser abertas (Santos, 2018).

Por norma os sistemas de armazenamento de maiores dimensões são armários, estantes e arquivadores de gavetas largas, utilizados para coleções com peças de grandes dimensões (Amaral, 2011). Por outro lado, peças mais pequenas ou frágeis devem ser armazenadas em embalagens ou tabuleiros, colocados horizontalmente.

Em relação aos objetos tridimensionais de pequena dimensão podem utilizar-se pequenas embalagens, criadas a partir de materiais adequados para arquivo, ou seja, materiais rígidos e inertes como o polipropileno ou o polietileno, ou flexíveis como os sacos de polietileno, para além destes, ainda se podem utilizar papel ou cartão inertes de ácidos (Santos, 2018).

No caso de objetos planos, como materiais têxteis ou documentos gráficos, pode recorrer-se a gavetas ou embalagens para acondicionamento que podem ser empilhadas se necessário, contudo deverá existir um material a separar os objetos.

Quando as embalagens são empilhadas deve-se ter em conta o peso total que irá ser suportado pelas embalagens inferiores, para além disso, as pilhas não devem ser formadas por muitas embalagens para não comprometer a acessibilidade aos objetos. Os objetos pequenos podem ser armazenados em conjuntos nas caixas que permitem movimentar todo o conjunto de vários objetos pequenos (Johnson & Horgan, 1979).

No caso dos materiais têxteis, como casacos, túnicas, fardas, etc., que se encontrem num bom estado de conservação pode ser utilizado o sistema de armazenamento vertical. Os materiais são pendurados, em cabides acolchoados com um aglomerado de fibras de poliéster revestido com uma malha tubular de algodão, para se adaptarem à zona dos ombros e do colarinho, ou à gola quando existente, com a função de distribuir o peso da veste sobre uma área ampla (Canadian Conservation Institute, 2009; Merritt, 1994).

Consoante os objetos podem-se selecionar diferentes métodos de acondicionamento, o mais comum sendo caixas. Nos objetos tridimensionais pode-se optar por armazená-los em caixas de polipropileno canelado feitos à medida e acondicioná-los com espuma de polietileno de baixa densidade (Santos, 2018).

O acondicionamento no interior das caixas, podendo ter mais de um objeto, pode ser feito a partir de espuma de polietileno de baixa densidade, colocando entre dois e três andares desta espuma, onde se recorta o negativo de cada objeto, assim encaixando-os. A organização das caixas, tendo dois ou três andares, consegue a poupança de espaço e a redução de materiais a

utilizar, nunca esquecendo os princípios básicos do peso máximo suportado para cada caixa (Santos, 2018).

Os objetos em vidro, como copos e outros recipientes, podem ser acondicionados dentro de sacos de polietileno, em caixas de polipropileno canelado, tendo no interior separadores, no mesmo material, criando compartimentos para os objetos. Em torno desses separadores é possível colocar polietileno de baixa densidade de modo a ficarem mais protegidos (Santos, 2018).

Os documentos gráficos também podem ser acondicionados nas caixas referidas anteriormente. No interior são acondicionados em polietileno tereftalato - *Melinex*®, através de bolsas neste material conhecido por ser quimicamente estável, cortados à medida de cada objeto. Os documentos gráficos podem ser organizados em vários grupos e armazenados dentro das caixas, podendo sobrepor alguns documentos na mesma caixa (Santos, 2018).

Este tipo de sistema de acondicionamento e armazenamento pode ser facilmente adaptável para vários tipos de materiais e várias tipologias de objetos.

Quando as caixas são finalizadas, devem ser marcadas com o número de inventário de cada objeto ou grupo de objetos nelas contido.

4.2. Normas e procedimentos de manuseamento

Qualquer movimentação de peças envolve o seu manuseamento. A maneira como este se processa deve ser cuidadosamente descrito, pois se feito incorretamente pode contribuir para a deterioração os objetos (Santos, 2018).

Os objetos podem ter de circular internamente, ou seja, dentro da instituição museológica em que estão inseridos, como por exemplo para uma exposição temporária, reorganização de reservas, investigação, estudo físico do objeto, levantamentos fotográficos, intervenções de conservação e restauro ou de externamente, para figurar em exposições, integrar depósitos de maior duração noutros espaços ou para intervenções de conservação e restauro (Santos, 2018).

Tal como é referido no documento normativo e orientador para os museus, na área da conservação preventiva (Instituto Português de museus, 2007):

“As normas e procedimentos são o conjunto de orientações e boas práticas destinadas a garantir a preservação e proteção dos bens culturais. A implementação

de normas diminui as probabilidades de riscos e alerta toda a equipa do museu para as questões da conservação preventiva” (Sousa et al., 2007, p. 53).

Caso seja necessário o manuseamento dos objetos, depois de verificar todas as diretrizes recomendadas para o assunto em questão, de que se assinalam as seguintes (UNESCO, 2010):

- Inspeccionar os objetos quanto à estabilidade estrutural e estabilidade antes de os manusear;
- Reduzir para o mínimo possível o manuseamento dos objetos;
- Usar luvas com características apropriadas ao tipo de objeto a manusear;
- Transportar apenas um objeto de cada vez;
- Usar as duas mãos para dar um suporte apropriado, posicionando uma mão abaixo do objeto, ou abaixo da parte mais pesada do objeto, apoiando o objeto com a outra mão;
- Nunca pegar num objeto pelas pegadas, como por exemplo um jarro em cerâmica ou uma caixa;
- Evitar empilhar objetos uns sobre os outros;
- Nunca forçar um objeto, ou parte do mesmo;
- Planear todas as rotas antes de iniciar a movimentação do objeto.

4.3. Aspetos relativos às Coleções do Núcleo Museológico da Escola Superior de Enfermagem do Porto

Devido ao edifício, que constitui o Núcleo Museológico da ESEP, ser antigo, serão necessárias obras para a preservação do edifício. Nesse caso será necessário o acondicionamento e armazenamento de algumas coleções quando o espaço a ser alvo de intervenção for necessário.

Tendo em conta que na maioria dos espaços os objetos estão expostos em vitrines de vidro ou armários de exposição, é recomendado retirá-los dos espaços sempre que possível, para não haver interferências com as obras de intervenção.

A maior parte das coleções do núcleo museológico é constituída por variadas tipologias de objetos, sendo a maior parte instrumentos cirúrgicos, recipientes, máquinas, fardas, entre outros.

Sendo os objetos maioritariamente em liga metálica, vidro e material polimérico, estes podem ser acondicionados e armazenados conforme a sua tipologia de material em cada sala. Estes objetos devem ainda ser acondicionados e armazenados, nas reservas do núcleo museológico,

segundo o que foi redigido ao longo do presente capítulo, tendo sempre em atenção as questões de manuseamento dos objetos.

Considerações finais e perspetivas de trabalho futuro

Através da atualização e redação do inventário dos bens culturais que albergam a instituição foi possível conhecer as diversas coleções do núcleo museológico da ESEP.

O Núcleo Museológico da ESEP alberga um espólio no âmbito da medicina e enfermagem, contando com bens que transmitem as práticas de ambas as áreas.

O estágio tinha objetivos em vista, tais como: a inventariação e a atualização do inventário existente; a manutenção das peças que se encontram em exposição permanente; e a sistematização de orientações para o acondicionamento e armazenamento da coleção. Ao longo do estágio foi possível realizar esses objetivos. Contudo, foram encontradas algumas dificuldades pelo caminho como a ausência de um *software* específico de inventário para museus, o sistema utilizado no núcleo é um *software* de inventário de arquivo, tornando o preenchimento dos campos de informação no inventário por vezes complicado. Para além do referido anteriormente, também se notou a ausência de designações e por vezes identificação dos objetos, o que origina um problema quando há a necessidade de aceder à sua ficha de inventário, e ainda requer a pesquisa adicional sobre o objeto quando não é possível identificá-lo através do seu número de inventário ou designação do objeto.

Apesar das dificuldades encontradas foi possível concretizar os objetivos que haviam sido previamente estabelecidos.

Com a realização deste estágio houve a oportunidade de conseguir aplicar os conhecimentos adquiridos ao longo do percurso académico em conservação e restauro. Durante o estágio ainda foram adquiridos conhecimentos relacionados com a área de medicina e enfermagem, uma vez que foi necessária fazer alguma investigação sobre o assunto de modo a compreender melhor a coleção a ser abordada.

Neste estágio também se tornou perceptível o funcionamento institucional e a gestão de coleções exercida no núcleo museológico, assim adquirindo conhecimento sobre o dia-a-dia de um espaço museológico.

Mas talvez o aspeto mais importante desenvolvido neste estágio tenha sido a importância de um inventário numa instituição museológica, pois como foi descrito ao longo do trabalho o inventário é muito importante para a salvaguarda dos objetos, tanto em termos legais como em caso de desastres naturais.

Referências e Bibliografia

- Abranhosa, M. da C., Martins, M. I. G., Peixoto, M. J., Santos, M. de L., & Pereira, O. (2005). *Recordando o Passado. Vivenciando o Presente. Perspetivando o Futuro. Escola Superior de Enfermagem de São João*. Escola Superior de Enfermagem de São João.
- Amaral, J. R. (2011). *Gestão de Acervos: Proposta de Abordagem para a Organização de Reservas* [Tese de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa]. <http://hdl.handle.net/10362/7244>
- Canadian Conservation Institute. (2009). *Canadian Conservation Institute - Hanging storage for costumes* [Em linha]. *Atual.* 8 Nov. 2017. 13(5). <https://www.canada.ca/content/dam/cci-icc/documents/services/conservation-preservation-publications/canadian-conservation-institute-notes/13-5-eng.pdf?WT.contentAuthority=4.4.10>
- Comitê Internacional de Documentação (CIDOC), & Conselho Internacional de Museus (ICOM). (2014). *Declaração de Princípios de Documentação em Museus e Diretrizes de Informação sobre Objetos de Museus: Categorias de Informação do Comité Internacional de Documentação*. Pinacoteca do Estado de São Paulo. <https://cidoc.mini.icom.museum/wp-content/uploads/sites/6/2020/03/CIDOC-Declaracao-de-principios.pdf>
- Delicado, A. (2004). *Para que servem os museus científicos? Funções e finalidades dos espaços de musealização da ciência*. <https://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/AnaDelicado.pdf>
- Delicado, A. (2008). Produção e reprodução da ciência nos museus portugueses. *Instituto de Ciências Sociais Da Universidade de Lisboa*, 43 (186)(Análise Social), 55–77. <https://doi.org/https://doi.org/10.31447/AS00032573.2008186.04>
- Delicado, A. I. O. (2005). *A musealização da ciência em Portugal* [Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa]. <http://hdl.handle.net/10451/56272>
- Duarte, A. M. da C. (2007). *O Museu Nacional da Ciência e da Técnica (1971-1976)*. Imprensa da Universidade de Coimbra. <https://doi.org/10.14195/978-989-26-0375-9>
- Escola Superior de Enfermagem do Porto. (n.d.-a). *Grupo de História e Memórias da ESEP: Da sua fundação aos dias de hoje*. <https://museu.esenf.pt/index.php/grupo-de-historia-e-memorias-da-esep/>

- Escola Superior de Enfermagem do Porto. (n.d.-b). *O Museu da ESEP*.
<https://museu.esenf.pt/index.php/historia/>
- Ferreira, J. T. (2019). *Núcleo Museológico do Departamento de Engenharia Informática da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra* [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra].
<https://hdl.handle.net/10316/93403>
- ICOM. (2004). *CÓDIGO DEONTOLÓGICO DO ICOM PARA MUSEUS*. https://icom-portugal.org/wp-content/uploads/2015/03/CodigoICOM_PT-2009.pdf
- ICOM Portugal. (2022, September 30). *Internacional Council of Museums Portugal*. Nova Definição de Museu. <https://icom-portugal.org/2022/09/30/nova-definicao-de-museu-2/>
- Instituto Nacional de Estatística. (2024, September 10). *Museus (Nº) por Tipologia: Anual*.
https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0007518&contexto=bd&selTab=tab2
- Johnson, E. V., & Horgan, J. C. (1979). *Museum collection storage*. UNESCO.
<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000042316>
- Kilby, V. (1995). Buffered and Unbuffered Storage Materials. *Conserve O Gram*, 4(9).
https://www.nps.gov/subjects/museums/upload/04-09_508.pdf
- Loureiro, C. A. (2008). *Museus de Ciências Físicas e Tecnológicas: contributos para a gestão das suas colecções* [Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto].
<https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8936.pdf>
- Mayer, M. de O. B. de L. (2016). *Casa-Museu Medeiros e Almeida: o projeto de um homem. De coleção privada a acervo público* [Dissertação de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa]. <http://hdl.handle.net/10362/19663>
- Merritt, J. (1994). Storage Techniques for Hanging Garments: Padded Hangers. *Conserve O Gram*, 4(5). <https://www.nps.gov/museum/publications/conservoogram/04-05.pdf>
- Núcleo Museológico da ESEP. (n.d.). *Olhar o tempo noutro tempo: Professora Lourdes Santos* (Issue Painel Informativo).
- Pires, M. do C. M. (2004). (Com)passos num espaço de nós. A Rua Álvares Cabral. *Revista Da Faculdade de Letras*, III(Ciências e Técnicas do Património), 217–235.
<https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4091.pdf>

- Santos, I. A. F. (2018). *Implementação de um plano de conservação preventiva do Palácio da Quinta da Regaleira: o caso da Coleção Maçónica Pisani Burnay* [Relatório de Estágio, Instituto Politécnico de Tomar]. <http://hdl.handle.net/10400.26/28554>
- Sousa, C. B. de, Carvalho, G., Amaral, J., & Tissot, M. (2007). *Plano de Conservação Preventiva. Bases orientadoras, normas e procedimentos*. (Issue 86). Instituto dos Museus e da Conservação. www.ipmuseus.pt
- Stolow, N. (1987). *Conservation and Exhibitions. Packing, transport, storage and environmental considerations*. Butterworth-Heinemann. <https://doi.org/https://doi.org/10.1016/B978-0-408-01434-2.50002-4>
- Tétreault, J. (1994). Display Materials: The Good, The Bad, And The Ugly. *In the Proceedings of the Conference of the Scottish Society for Conservation and Restoration*, 79–87. https://www.researchgate.net/publication/285734892_Display_materials_the_good_the_bad_and_the_ugly_Exhibitionsand_Conservation_Preprints_of_the_conference_held_at_the_Royal_College_of_Physicians
- UNESCO. (2010). *Cultural Heritage Protection Handbook N°5 - Handling of Collections in Storage* (UNESCO). https://www.obs-traffic.museum/sites/default/files/ressources/files/UNESCO_Cult_Heritage_Handbook_Storage.pdf

Legislação

- Lei N° 47/2004 Da Lei-Quadro Dos Museus Portugueses, Diário da República: I série, n° 195 (2004).
- Lei N° 107/2001 – Lei de Bases Do Património Cultural, Diário da República: I Série, n° 209 (2001). <https://diariodarepublica.pt/dr/legislacao-consolidada/lei/2001-72871514-72871615>
- Portaria 714/2012, Diário da República: 2ª Série, n.º 237 (2012). <https://files.diariodarepublica.pt/2s/2012/12/237000000/3891538915.pdf>

Apêndice A - Registo Fotográfico das Salas do Núcleo Museológico da ESEP ⁵

Sala Enfermeira Lurdes Santos – Piso 0



⁵ As imagens que compõem este registo fotográfico foram fotografadas pela autora.





Sala de Apoio ao Ensino – Piso 0



Inventariação, Manutenção e Acondicionamento de coleções do Núcleo Museológico da Escola Superior de Enfermagem do Porto – Stéfanie Caetano



Sala de Saúde Materna e Obstetrícia – Piso 0





Sala de Material Cirúrgico e de Esterilização – Piso 0





Sala de Saúde Pública e Saúde Psiquiátrica – Piso 0





Salão Nobre – Piso 0





Corredor – Piso 0





Sala Florence Nightingale – Piso 1





Sala de Enfermaria – Piso 1





Corredor Enfermeira Paraquedista – Piso 1



Anexo A - Acordo de estágio



ACORDO DE ESTÁGIO

Entre,

O Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa, através da Escola das Artes, abaixo designada por EA, com domicílio na Rua Diogo Botelho n.º 1327, 4169-005 Porto, contribuinte n.º 501082522, representada neste ato pela Professora Doutora Joana Teixeira, Coordenadora do Mestrado em Conservação e Restauro de Bens Culturais.

E

A Escola Superior de Enfermagem do Porto, adiante designada por ESEP, através do seu Núcleo Museológico, com sede na Rua Dr. António Bernardino de Almeida, 4200-072 Porto, aqui representada pelo Presidente, Professor Doutor António Luís Rodrigues Faria de Carvalho.

E

Stéfanie Soares Caetano, com CC n.º 14793259, abaixo designada, como Estagiária.

É celebrado, de mútuo acordo, o presente Acordo de Estágio, nos termos que se seguem:

I

Objetivo

O presente Acordo tem por objetivo permitir ao Estagiário o contacto direto com o meio profissional relacionado com a sua formação, inserindo-se no plano de estudos do estagiário.

II

Duração e local do estágio

O estágio terá a duração de 6 meses, e decorrerá entre 4 de novembro de 2024 e 30 de abril de 2025, decorrendo nas instalações da Entidade.

III

Plano de estágio

O estágio decorrerá de acordo com um plano de estágio previamente definido, que fará parte integrante deste acordo.

IV

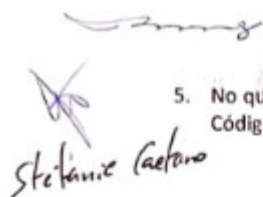
Obrigações da Escola/Faculdade

1. Informar a Estagiária e a Entidade sobre as condições de realização do estágio.
2. Comunicar à Entidade a verificação de qualquer circunstância que justifique a conclusão do estágio antes do seu termo.

V

Obrigações da Entidade

1. Respeitar os princípios orientadores da Universidade Católica Portuguesa, previstos no Código de Ética e de Conduta, incluindo o seu Aditamento relativo à prevenção de assédio.
2. Orientar e proporcionar as condições necessárias à realização do estágio.
3. Informar a UA e Estudantes e Empregabilidade de problemas surgidos no decorrer deste.
4. Fazer avaliação qualitativa do estágio, segundo grelha específica e própria da EA, no prazo estipulado pela mesma.


Stéfanie Caetano

5. No que diz respeito à proibição do assédio, são aplicáveis as disposições do artigo 29.º do Código do Trabalho, na relação com o Estagiária.

VI

Obrigações da Estagiária

1. Respeitar as regras inerentes de funcionamento, higiene e segurança, em vigor na Entidade.
2. Empregar o seu melhor esforço e dedicação na realização das tarefas de estágio que lhe forem atribuídas, comparecendo na Entidade com a frequência que lhe for solicitada.
3. Guardar sigilo profissional, durante e após a conclusão do estágio, relativamente a todos os trabalhos e tarefas de estágio efetuadas, bem como a qualquer outra informação de que tenha conhecimento ou acesso em virtude da sua permanência na Entidade, não podendo revelar ou utilizar para si ou para outra pessoa, singular ou coletiva, quaisquer dados ou informações relativas a negócios, produtos, projetos, clientes, estratégias e procedimentos.
4. A estagiária, durante a sua permanência na entidade, permanece a todos os títulos com o seu estatuto de estudante. Continua dependente do regime interno da Instituição, nomeadamente no que se refere à assiduidade às aulas (caso o estágio se sobreponha às mesmas).

VII

Bolsa de Estágio e Seguro

1. O estágio não é obrigatoriamente remunerado, nem constitui qualquer encargo direto para a Entidade.
2. A estagiária estará coberta pelo seguro escolar, desde que se mantenha como estudante.

VIII

Comunicações

Qualquer comunicação entre as partes será feita para os seguintes endereços:

EA:

Departamento: Estudantes e Empregabilidade
Morada: Rua Diogo Botelho n.º 1327, 4169-005 Porto
Telefone: 22 619 62 66
Email: ee.emprego@ucp.pt

Escola Superior de Enfermagem do Porto - Núcleo Museológico:

Orientadores de Estágio: Dr. Alexandre Oliveira, Técnico Superior da ESEP e Dr.ª Francisca Guimarães, como colaboradora da ESEP
Morada: Rua de Álvares Cabral, 384, 4050-040 Porto
Telefone: 225 073 500
Email: museu@esenf.pt

IX

Proteção de dados

1. No âmbito do presente acordo a Estagiária faculta dados pessoais à Entidade, que esta trata e conserva nos termos legais aplicáveis.
2. A Entidade obriga-se a cumprir o Regulamento (UE) 2016/679, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 27 de abril de 2016, relativo à proteção das pessoas singulares no que diz respeito ao tratamento de dados pessoais e à livre circulação desses dados (RGPD) e demais

legislação nacional e comunitária aplicável em matéria de proteção de dados. A Entidade, enquanto responsável pelo tratamento dos dados pessoais em causa, compromete-se a garantir a confidencialidade no tratamento dos mesmos e a tratá-los exclusivamente de acordo com as finalidades para as quais os mesmos foram recolhidos, bem como a garantir o exercício dos direitos legalmente conferidos ao estagiário, enquanto titular dos dados em causa.

3. A informação, a documentação e os dados não podem ser transmitidas a terceiros, nem a outros trabalhadores da Entidade além daqueles que se encontrem afetos ao cumprimento do objeto do contrato, nem poderão ser utilizados para finalidade diversa da que está destinada direta e exclusivamente à execução do contrato.
4. Excluem-se do dever de sigilo previsto a informação e a documentação que fossem comprovadamente do domínio público ou que a Entidade esteja legalmente obrigada a revelar por imposição legal.

X

Relações entre as partes

O presente Acordo não gera nem titula relações de trabalho subordinado entre a Entidade e a Estagiária, nem sequer expectativas de eventual contratação futura do mesmo pela Entidade.

XI

Resolução

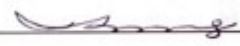
A violação culposa e grave das obrigações assumidas pelas partes constitui fundamento para a resolução com justa causa deste contrato, sem prejuízo do eventual direito à indemnização.


Porto, 4 de novembro de 2024

Pela ESCOLA DAS ARTES



Pela ESCOLA SUPERIOR DE ENFERMAGEM DO PORTO





A ESTAGIÁRIA

